

MARXISMO E A BUSCA PELA PSICOLOGIA CONCRETA NO SÉCULO XXI

MARXISM AND THE SEARCH FOR CONCRETE PSYCHOLOGY IN THE 21ST CENTURY

EL MARXISMO Y LA BÚSQUEDA DE UNA PSICOLOGÍA CONCRETA EN EL SIGLO XXI

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v18i1.74367>

Angelina Pandita Pereira¹

Giselle Modé Magalhães²

Hélio da Silva Messeder Neto³

É com entusiasmo crítico que apresentamos este dossiê sobre as relações entre o marxismo e a busca por uma psicologia concreta no século XXI, tema que tem mobilizado esforços de pesquisadores que buscam compreender o fenômeno psicológico em suas múltiplas determinações desde o século passado, quando, especialmente George Politzer (2004) e Lev S. Vigotski (1996), por caminhos distintos, denunciaram a fragmentação desse campo, manifestada na ausência de unidade quanto à definição de seu objeto e métodos de estudo.

Essa fragmentação resulta em uma série de problemas, entre os quais se destacam análises que, embora alcancem o status de ciência, permanecem limitadas à imediatez dos fenômenos, desvinculando-os de sua produção histórica e das relações materiais de produção da vida que os determinam. Desde então, os problemas apontados por esses autores permanecem, motivo pelo qual utilizamos na chamada o termo “a busca pela psicologia concreta”, uma vez que entendemos que esta psicologia ainda não se realizou.

Não temos a pretensão de trazer uma solução para este problema histórico, mesmo porque esta não é tarefa de um único grupo de pesquisadores, e nem poderia ser solucionada no interior da sociedade capitalista, mas buscamos, com este dossiê, apresentar algumas importantes contribuições de autores/as que trazem elementos a serem considerados e potencialmente incorporados em nossas pesquisas no campo da psicologia.

Para Vigotski (1996) o problema da psicologia não é de objeto, mas de método, ressaltando a necessidade de formulação de um método próprio da Psicologia a partir do materialismo histórico-dialético. No texto *O significado histórico da crise da psicologia* ele faz uma analogia entre a análise que Marx apresenta em

O *Capital*, afirmando que para ter seu próprio método será necessário à Psicologia: “[...] criar seu O Capital” (VIGOTSKI, 1996, p. 393).

Em *Psicologia da Arte*, texto que é reconhecido como o primeiro texto propriamente psicológico do autor, Vigotski (2025) já ressaltava que a psicologia precisa buscar os seus próprios conceitos, comparando esta ciência com as análises sociológicas: “O objeto do estudo sociológico pode ser ou a ideologia em si, ou a dependência em relação a determinadas formas de desenvolvimento social, mas a investigação sociológica por si só, sem ser complementada por uma investigação psicológica, nunca terá condições de revelar as causas mais próximas da ideologia, isto é, o psiquismo do sujeito social”. (Vigotski, 2025, p. 29)

É nesta direção que temos pensado o movimento de busca de uma psicologia concreta, partindo da necessidade de delimitação de seu objeto e da especificidade dos fenômenos psicológicos. Como nos ensina Vigotski (2009) é preciso buscar as leis que regem a constituição dos fenômenos psicológicos, saturando-os de história e relações sociais, sem cair em abstrações idealistas, nem em análises puramente sociológicas.

Se é verdade que o contexto social e econômico não explica diretamente o desenvolvimento dos sujeitos que compõem a sociedade, também é verdade que esse contexto nos conta alguns dos desafios que influenciam sua formação, uma vez que para essa teoria tudo que se torna intrapsicológico já foi, seja no curso da filogênese ou ontogênese, interpsicológico (Vigotski, 2009).

Vivemos um mundo regido pelo neoliberalismo, aprofundado pelo regime de acumulação financeirizado, no qual as possibilidades de acesso a um emprego com direitos trabalhistas ou mesmo à seguridade social são dia a dia fragilizadas.

Ao mesmo tempo o sistema capitalista segue a impor sua hegemonia com base no controle estatal pela via da violência armada. Seguimos com potências imperialistas empreendendo guerras coloniais (como a dos EUA e Israel contra Gaza, Irã e Líbano), guerra de agressão de Ruanda contra a República Democrática do Congo (também mediado por interesses imperialistas) e bloqueio criminoso dos EUA à Cuba. Seguimos com a cumplicidade dos demais chefes de Estado e das organizações internacionais que supostamente deveriam regular os genocídios em curso.

Seguimos esgotando recursos naturais e agravando a crise climática, com efeitos que ameaçam a vida humana na terra, e que atingem desigualmente os estados-nação na relação centro-periferia do capitalismo, infringindo danos intensificados às populações historicamente mais exploradas e oprimidas.

Nada disso é casual, mas o *modus operandi* do capitalismo, em que a burguesia (majoritariamente composta de *homens-cis-brancos*) atuam para reprodução ampliada do capital enquanto produzem morte, fome, guerra, empregos precarizados, sofrimento e destruição ambiental para as diferentes formas de vida do planeta terra, buscando com isso assegurar que a roda da vida continue a girar centrada no processo de produção-circulação e consumo da mercadoria.

Muito embora essa característica do capitalismo, de produzir risco à vida, desigualdade e busca de negação de humanidade de populações declaradas como indesejadas se apresente à “olhos vistos”, os mecanismos de mistificação da realidade e inversão dos significados sociais vinculados às atividades

humanas também se atualizam. A precarização nas atividades remuneradas é ideologicamente apresentada como autonomia e empresariado de si, guerras coloniais são apresentadas como guerras “santas”, a crise climática é contraposta a um discurso de pós-verdade que recusa a possibilidade de acesso à objetividade do mundo real e da ciência de acessá-la etc.

Por outro lado, a realidade não deixa de existir quando os mecanismos para dificultar o conhecimento dela atuam. Se olhar para esse pequeno retrato do nosso tempo pode nos fazer acreditar que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, esse retrato é só um fragmento da realidade.

Também seguimos com toda uma história de luta que se atualiza constantemente. Em nível nacional os povos originários e quilombolas seguem reivindicando a posse de seu território, seus modos de vida e a manutenção e recuperação de nossos biomas, buscando frear o colapso civilizatório e ambiental. Diferentes organizações do movimento negro seguem pautando a sua história e atualidade na produção de resistências emancipatórias que contribuíram para o fim da escravidão, bem como para assegurar direitos, como o direito à vida e ao conhecimento que socialize a “história que a história não conta”. Seguimos com os movimentos que pautam a solidariedade internacionalista e reivindicam o fim das guerras. Seguimos com os trabalhadores pautando melhores condições de vida, hoje aglutinadas na pauta do fim da escala 6X1. Tais movimentos mantêm viva a possibilidade de, se vinculando ao passado e ao hoje, imaginar outros futuros possíveis, na mesma medida em que desmistificam a suposta homogeneidade da ordem social capitalista.

Diante destes elementos contraditórios e em disputa que compõem a realidade que vivemos, nos perguntamos: que impactos essa realidade tem para a formação das pessoas? O que contribuiria para o desenvolvimento de sujeitos que se unissem às lutas históricas de nosso povo em prol da emancipação? A psicologia tem contribuições a dar sobre isso?

Lançamos estas questões entendendo que pensar uma psicologia no interior do marxismo é pensar seu papel na luta de classes e em como essa se apresenta nos dias atuais. E pensar isso em um país de capitalismo dependente, com mais de 400 anos de escravidão, tem suas particularidades. Quais são as questões que a psicologia tem para responder hoje?

Certamente, as respostas que a psicologia hegemônica tem dado ao cenário de crise global não nos parecem satisfatórias. As respostas individualizantes, que normalizam e/ou medicalizam, oferecidas por essa psicologia não são nada “positivas” para compor esse cenário de transformação. Conforme analisa Marina Massimi (2006) a psicologia brasileira emergiu vinculada aos interesses da classe dominante, que segundo ignácio Martín-Baró (1998), encontra suas raízes em uma história de dependência colonial, que arriscamos afirmar, não foi até hoje superada. Isso se expressa nos currículos dos cursos de psicologia e também nas práticas profissionais, mesmo aquelas junto a sistemas públicos de saúde, educação e assistência social, que atendem as populações mais oprimidas. A ideia de que o mundo será transformado por pessoas com “terapia em dia” e que o sofrimento dos sujeitos será resolvido com pílulas mágicas, divãs, arte-terapia, autocuidado, psicólogos na escola e nos locais de trabalho, campanhas como janeiro branco ou setembro amarelo, ou qualquer outro mecanismo isolado, nos parecem simplistas diante de uma sociedade em que

mulheres pretas saem de casa antes do sol nascer e voltam sem saber se seus filhos foram ou não mortos pela Polícia.

Mesmo as respostas trazidas por vertentes críticas da psicologia mas que não se debruçam em considerar as particularidades da formação social brasileira, marcada por desigualdades de raça, gênero, sexualidade e capacidade nos parecem insuficientes.

Por óbvio que não se trata de menosprezar essa ou aquela intervenção psicológica ou mesmo a potência que a psicologia, na sua vertente contra-hegemônica, tem oferecido. Mas, se olharmos para a história da constituição da psicologia e sua atuação no território brasileiro, por exemplo, precisamos suspeitar de suas respostas que historicamente psicologizaram e corroboraram com racismo científico, higienismo, violência de gênero, fascismo, defesa da burguesia etc. Como denuncia Oswaldo Yamamoto (1987) a atuação da psicologia brasileira historicamente cumpriu uma função reguladora, adaptativa, sendo assim, um dos braços da ideologia para mistificar a compreensão da realidade e amortecer potenciais revoltas contra o sistema.

Trata-se então de denunciar esta psicologia, ao mesmo tempo que visibilizar que, mesmo essa ciência psicológica fragmentária, que se debate com a definição de seus métodos e objeto, predominantemente ideológica, tem, ao longo de sua história e ainda hoje, influenciado autores e embasado vertentes contra-hegemônicas (Mitsuko Antunes, 2003). Podemos citar Juliano Moreira (1872-1993), precursor do combate às teses racistas sobre adoecimento psíquico e crítico às formas de tratamento manicomial; Helena Antipoff (1892-1974) pioneira em ações educativas para pessoas com deficiência no Brasil; Virgínia Bicudo (1910-2003) e seus estudos que contestavam o mito da democracia racial, tematizando os efeitos da raça na saúde mental. Estes exemplos, em alguma medida esparsos, ganham volume e visibilidade por volta da década de 1980, quando, segundo Fernando Lacerda Junior (2013) a conjunção do movimento pela democratização do país, a expansão das universidades e a entrada da psicologia em outros campos de atuação movimentam os referenciais teóricos e de atuação, formando o que o autor nomeia como uma “psicologia crítica”. Esta pauta as determinações históricas e estruturais dos processos de desenvolvimento e adoecimento e passa atuar na esfera das políticas públicas e sociais (contribuindo tanto para a formulação quanto implementação de políticas nas áreas de educação, saúde e assistência social), na psicologia social comunitária (contribuindo para processos de auto-organização da população oprimida) e na luta antimanicomial (pautando não só a mudança de tratamento, mas a da própria lógica manicomial, repensando o processo saúde-doença e a agência dos sujeitos sobre suas vidas). No entanto, como discute Lacerda Junior (2013), a existência de correntes e atuações contra-hegemônicas não modifica substancialmente a formação e atuação dos psicólogos no Brasil e também está enredada por perspectivas que se distanciam das lutas e que rejeitam análises que relacionam a subjetividade às estruturas que organizam a sociedade.

Este dossiê convoca a psicologia a pensar eticamente nas suas perguntas formuladas, nas suas respostas e no seu caminho. Em nossa compreensão cabe à psicologia oferecer elementos para compreender as relações complexas entre as condições objetivas contraditórias da sociedade e a formação dos sujeitos que nela vivem e atuam, sem esquecer do projeto histórico com o qual deseja se comprometer.

Do ponto de vista da pesquisa, ir além de repetições de textos clássicos, mas superá-los por incorporação na análise das questões candentes do nosso tempo, avançarmos nos estudos da realidade brasileira sem perder de vista os elementos universais da construção desta psicologia científica sem abrir mão de pensar categorias que são psicológicas. Se essa psicologia se quer concreta precisa ter como compromisso ético se somar às lutas pela emancipação encontrando aquilo que a ela é específico e abandonando qualquer ilusão de poder e protagonismo que teria neste processo. É na direção deste projeto que este dossiê visa contribuir.

Por fim, faz-se relevante destacar que este dossiê apresenta e amplia as discussões realizadas no segundo simpósio em Psicologia Concreta, sob o tema “Psicologia Concreta e século XXI”, realizado entre os dias 07 e 09 de maio de 2025, na UEPG. Na ocasião, alguns pesquisadores vinculados ao GEPCO (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta) se reuniram e debateram a construção desta ciência. Algumas das temáticas abordadas no evento estão registradas neste dossiê, mas trazemos, também, outros autores/as que nos ajudam a dialogar com este tempo histórico.

Destarte, convidamos os/as leitores/as a acompanhar a entrevista do Prof. Dr. Bruno Carvalho, um grande estudioso da obra de Politzer e dos fundamentos da psicologia concreta. Trata-se de uma conversa necessária que aponta avanços e limites da ciência psicológica e nos convida a refletir sobre os desafios ainda postos à psicologia concreta.

Os primeiros artigos do dossiê voltam-se à gênese teórica e à crítica epistemológica para fundamentar uma ciência psicológica de base marxista. Abrindo o volume, **Luiza Miranda Furtuoso e Marcelo Dalla Vecchia** debruçam-se sobre a vida dramática e o projeto pioneiro de Georges Politzer, localizando no autor o início de uma psicologia que recusa a abstração. Ampliando esse horizonte, **Ivo Júnior Celestino Ferreira e Livia Leal Pereira** estabelecem ricas articulações teóricas ao aproximar as formulações de Politzer às de Lucien Sève, mapeando a evolução histórica dessa busca pela concreticidade. Na sequência, o trabalho de **Larissa Bulhões** aprofunda e radicaliza a análise da crise da psicologia em paralelo com a "destruição da razão", oferecendo densas considerações sobre a decadência do pensamento científico ocidental no contexto do capitalismo imperialista.

Compreendida a base epistemológica, o dossiê desloca seu olhar para autores/as da psicologia social e resgata as contribuições das correntes críticas latino-americanas. O legado da psicologia social crítica é recuperado por **Edgar Bendahan, Maria Eduarda Corrêa de Souza, Isadora Araujo de Oliveira e Gabriel Ungaretti**, que discutem a transição da ordem à emancipação a partir das contribuições fundamentais de Silvia Lane e Ignacio Martín-Baró. Em uma análise comparativa de grande relevância para o cenário nacional, **Guilherme Faria Ribeiro e Pedro Henrique Antunes da Costa** analisam as psicologias da libertação de Alberto Merani, Ignacio Martín-Baró e Hussein Bulhan, mapeando suas contribuições indispensáveis para a psicologia brasileira contemporânea.

Os textos seguintes trazem uma análise materialista sobre a formação da consciência, categoria central para pensarmos a superação da alienação e do modo de produção capitalista. **Marcela Pereira Rosa e Bernardo Parodi Svartman** apresentam um estudo sobre a relação entre consciência individual e consciência de classe, investigando o desenvolvimento de necessidades e motivos em militantes do

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Dialogando com o tema da ideologia, **Kissila Mendes** desvela as relações entre consciência, propriedade privada e a formação de uma "consciência privatista", explicitando os debates necessários que a psicologia deve travar com a economia política.

As patologias sociais do neoliberalismo ganham contornos nítidos nos textos seguintes. **Guilherme Augusto Siebeneichler e Neide da Silveira Duarte de Matos** examinam de forma sensível a formação da subjetividade juvenil e o drama social sob a égide da educação neoliberal. **Afonso Mancuso de Mesquita** realiza uma reconstituição histórica acerca do nascimento e consolidação dos atentados escolares, vinculando-os umbilicalmente às dinâmicas neoliberais. E, investigando as expressões mais agudas do sofrimento e da barbárie social, **Mariana Lins e Silva Costa** utiliza a Psicologia Histórico-Cultural para fornecer contribuições à análise concreta da conduta violenta.

Na sequência, o dossiê apresenta três contribuições fundamentais para afirmarmos o compromisso ético da Psicologia Histórico-Cultural com o enfrentamento do racismo estrutural em nossa sociedade. **Margoth Nandes da Cruz e Edna Maria Severino Peters Kahhale** articulam a unidade psicofísica e as relações raciais trazendo contribuições fanonianas à psicologia histórico-cultural; **Bruno Augusto da Silva Faria** mobiliza a Teoria da Atividade para pensar na branquitude e propor perspectivas de um antirracismo radical voltado a uma psicologia concreta. E **Juliano Baltazar Pereira** utiliza as categorias de "situação social do desenvolvimento" e "vivência" para contribuir com uma análise concreta das relações raciais na psicologia.

Por fim, adensando as discussões no universo da educação e desenvolvimento infantil, **Márcio Magalhães da Silva** tensiona os limites institucionais ao analisar as contradições da Política Nacional de Educação Especial Inclusiva sob a perspectiva da psicologia concreta. No âmbito do trabalho docente, **Júlia Mazinini Rosa e Rosa Monteiro** discutem o trabalho pedagógico extraclasse à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Teoria da Atividade. E, fechando o dossiê, **Marina Nascimento de Sousa, Amanda Marques Ramalho e Juliana Campregher Pasqualini** apresentam um rigoroso estudo bibliográfico sobre o conteúdo social da brincadeira de papéis na produção acadêmica brasileira contemporânea (2011-2021).

Na seção de artigos em fluxo contínuo, os trabalhos aqui reunidos oferecem análises profundas sobre os fundamentos da luta de classes, as opressões no mundo do trabalho e, de forma muito expressiva, os embates ideológicos e estruturais que atravessam a educação brasileira contemporânea. Abrindo a seção, **Lucas Bezerra** retoma o cerne da teoria social em *A problemática das classes sociais em Marx*, oferecendo uma revisão rigorosa dessa categoria fundante. Dialogando com as expressões políticas atuais desse debate, **Gustavo Cintra Lima** discute *O programa político dos direitos humanos e a luta das classes trabalhadoras no capitalismo atual*, tensionando os limites e as possibilidades dessa agenda para a emancipação proletária.

Voltando-se para a história da educação e os fundamentos filosóficos do ensino sob a óptica marxista, **Júlio César Apolinário Maia** investiga a *Educação de trabalhadores nos escritos pré-carcerários de Antonio Gramsci*, e, em seguida, **José Willon Girard de Matos e Ivanilde Apoluceno de Oliveira** discutem os *Aspectos históricos e filosóficos da educação marxiana*. Lançando esse olhar crítico sobre a trajetória das disciplinas escolares no país, **Rodrigo Sarruge Molina** nos oferece *A história do ensino de História no Brasil: uma leitura*

marxista, e, trazendo um debate urgente sobre as intersecções entre gênero e trabalho no chão da escola, **Lucas Kamers de Aguiar e Soraya Franzoni Conde** investigam os tensionamentos de *Capitalismo, patriarcado e o trabalho de professores homens na educação infantil*.

Dentro das reflexões sobre as políticas educacionais contemporâneas e as investidas privatistas no Brasil, temos a recente e polêmica reestruturação do ensino médio. Nesta direção, **Deise Rosalio Silva** estabelece um paralelo histórico denso em *Da reforma educacional fascista à reforma do Ensino Médio e Resolução CNE/CP nº4/2024 com hegemonia empresarial da educação brasileira*. Complementando essa crítica, **Fátima Machado** investiga as consequências pedagógicas desse processo em *Esvaziamento curricular e secundarização do conhecimento: uma análise crítica da política nacional do Ensino Médio*. Já **Arthur Guilherme Monzelli e Geisa Ferreira dos Santos** problematizam as mudanças legislativas mais recentes no artigo *A mercadorização da educação pública no contexto da lei 14.945/2024, de reforma da Reforma do Ensino Médio de 2017: há motivos para comemorar?*

Ainda no escopo das políticas públicas e da penetração da ideologia burguesa nas escolas, **Giulia Carvalho Candido e Renata Maldonado da Silva** analisam *As concepções de educação profissional e tecnológica no programa Novos Caminhos: novas orientações para os institutos federais*. O avanço do pensamento gerencialista e financeiro sobre a formação da juventude é desmascarado por **Pâmella Souza e Bruno Gawryszewski** em *A ideologia da educação financeira: uma crítica à Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) a partir de Marx, Engels e Gramsci*. Trazendo o debate para a realidade da práxis e das contradições da atuação profissional na universidade pública, **Ana Paula de Oliveira Santana, Renata Coelho Scharlach e Ana Carolina Assis Moura Ghirardi** discutem *A atuação docente no atendimento fonoaudiológico à comunidade durante a greve no ensino superior: serviço essencial?*

Por fim, **Nadia Batista Corrêa e Marcia Soares de Alvarenga** trazem a discussão sobre a certificação por competências em *O fetiche da certificação por competências: o caso do estado do Rio de Janeiro*, e **Daniella Loyde e Ana Lucia Ferreira da Silva** apresentam o importante debate sobre *Reinserção social: educação em direitos humanos e formação de profissionais no sistema prisional brasileiro*.

Na seção **clássicos** trazemos um texto de Ignacio Martín-Baró intitulado “*Um psicólogo social diante da guerra civil em El Salvador*”. Dialogando com que estamos entendendo por psicologia concreta Martín-Baró analisa a guerra civil em El Salvador como uma “situação-limite” marcada por três processos centrais: a intensificação da violência, a polarização social e a institucionalização da mentira. Segundo o autor, a violência não pode ser compreendida como resultado de características individuais, mas como expressão de um sistema social baseado na dominação de classe, que produz repressão, desigualdade e terror. Esse contexto aprofunda a divisão entre grupos sociais, rompendo o senso comum que sustentava a convivência cotidiana e levando as pessoas a interpretar a realidade em termos de “nós” e “eles”. Ao mesmo tempo, os grupos dominantes utilizam os meios de comunicação e o discurso oficial para ocultar a realidade, justificar a repressão e deslegitimar as vítimas. Diante desse cenário, Martín-Baró defende que a psicologia social deve assumir um compromisso ético e político, contribuindo para desmascarar as ideologias que sustentam a opressão, esclarecer a consciência coletiva e colaborar na construção de um novo senso comum fundamentado na solidariedade, na justiça social e nas aspirações do povo salvadorenho

Na seção resenhas, **Pedro Magalhães** analisa a coletânea *Psicologia e Educação: relações étnico-raciais e afroperspectivas*, organizada por Elisabete Figueroa dos Santos e Débora Augusto Franco, destacando sua contribuição para a construção de uma psicologia antirracista nas relações com educação. O autor reconhece a relevância das críticas ao racismo, ao eurocentrismo e às abordagens individualizantes da psicologia, valorizando especialmente as propostas de atuação coletiva na escola e na universidade. Ao mesmo tempo, aponta limites teóricos da obra, como o tratamento insuficiente das determinações materiais e do capitalismo na produção do racismo, certas interpretações consideradas deterministas sobre a formação da personalidade e um diálogo ainda frágil com os referenciais da educação e da pedagogia. Apesar dessas críticas, conclui que o livro possui grande importância política e acadêmica, contribuindo para o fortalecimento de debates sobre racismo, subjetividade e educação e para a construção de uma psicologia comprometida com a superação da sociedade racista de classes.

Ainda nesta seção temos o texto de **Paulo Heitor de Carvalho Santos** apresenta e avalia *Clóvis Moura e o Brasil: um ensaio crítico*, de Márcio Farias, destacando a obra como uma importante introdução ao pensamento de Clóvis Moura e à sua interpretação marxista da formação social brasileira. Ao reconstruir a trajetória intelectual e política de Moura, Farias evidencia suas contribuições para a compreensão das relações entre raça, classe, escravidão, capitalismo e resistência negra, ressaltando seu papel pioneiro na análise da população negra como sujeito histórico e político. Como síntese, podemos dizer que a resenha e o texto resenhado, apresentam Clóvis Moura como um dos principais intérpretes do Brasil, cuja obra permanece fundamental para compreender o racismo como elemento constitutivo do capitalismo dependente brasileiro e para articular, de forma dialética, as categorias de raça e classe.

A seção de resenhas termina com o texto de **Maria Luiza Soares Rodrigues**, que analisa *Crítica dos Fundamentos da Psicologia e outros escritos*, obra que reúne textos clássicos de Georges Politzer sobre a psicologia concreta. A autora nos convida à leitura ao evidenciar como Politzer questiona os fundamentos epistemológicos das correntes psicológicas tradicionais, denunciando seu caráter abstrato, formalista e desvinculado da experiência real dos sujeitos. Além disso, destaca a aproximação e o posterior afastamento do autor em relação à psicanálise freudiana, culminando na defesa de uma psicologia fundamentada no materialismo histórico-dialético, voltada para a compreensão do indivíduo em sua existência concreta, histórica e social.

Esperamos que os artigos deste número contribuam com para darmos um passo na direção da psicologia concreta entendendo que a sua construção ainda é tarefa deste tempo, mas que só se efetivará por completo em uma sociedade em que a organização do mundo não esteja pautada pela mercadoria.

Referências

- ANTUNES, M.A.M. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: MEIRA, M.E.M.; ANTUNES, M.A.M. **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-168.

LACERDA JÚNIOR, F. **Capitalismo dependente e a psicologia no Brasil**: das alternativas à psicologia crítica. *Teoría y crítica de la Psicología*, n. 3, p. 216-263, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5895413.pdf>.

MARTÍN-BARÓ, I. Hacia una psicología de la liberación. In A. Blanco (Ed.), **Psicología de la liberación**. Madrid: Trotta, 1998, p. 283-302.

MASSIMI, M. Idéias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira e F. T. Portugal (Orgs.), **História da psicologia**: Rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006, p. 75-83.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. Piracicaba: Editora Unimep, 2004.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Editora Mireveja, 2025.

VIGOTSKI, L.S. O significado histórico da crise da Psicologia. In: **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

YAMAMOTO, O. H. **A crise e as alternativas da psicologia**. São Paulo: Edicon, 1987.

Notas

¹ Doutora e Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Psicologia e Psicóloga pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Formação básica pela escola pública. Membro do Grupo de Estudos em Psicologia Concreta. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8938094543739671>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4174-7894>. E-mail: pandita.pereira@gmail.com

² Doutora em Educação Escolar. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Psicóloga. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta (GEPCO) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta da UFSCar (GEPCO-UFSCar): <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/822338>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2726281356078379>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4045-704>. E-mail: gisellemagalhaes@ufscar.br

³ Possui graduação em Química pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutorado pelo programa de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. É líder do grupo de pesquisa ENCONCIÊNCIAS (Grupo de Pesquisa em Ensino Concreto de Ciências). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5284620682449345>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6620-2989>. E-mail: helioneto@ufba.br